

## Traços, pontos e linhas \_desenhos da coleção António Cachola

# TRAÇOS PONTOS e LINHAS \_desenhos da coleção António Cachola

ADRIANA MOLDER ALEXANDRE CONEFREY DANIEL BARROCA  
DIOGO PIMENTÃO FRANCISCO PINHEIRO INÉS BOTELHO  
INÉZ TEIXEIRA GIL AMOUROUS SILVA JOÃO JACINTO  
LUIS SILVEIRINHA MARCELO COSTA PEDRO CALAPEZ  
PEDRO PROENÇA PEDRO GOMES JOÃO QUEIROZ  
JOSÉ LOUREIRO JOSÉ PEDRO CROFT ROSA ALMEIDA  
RUI CHAFES RUI PATACHO RUI SANCHES XANA

A exposição tem como objetivo apresentar o conjunto de desenhos da coleção António Cachola, em depósito no MACE, e deste modo refletir sobre o conceito de desenho e da(s) sua(s) prática(s) a partir dos artistas da coleção. As obras em exposição permitem fazer um percurso pelas técnicas e suportes tradicionalmente ligados à prática do desenho, até aos processos artísticos mais contemporâneas, onde o próprio conceito é materializado. Do preto e branco à cor, do esboço à espontaneidade, do exterior para o atelier, do figurativo ao abstrato e do conceptual ao 3D, a exposição procura realçar a diversidade de discursos artísticos no contexto da arte contemporânea desde os anos 80 do século XX até aos nossos dias.

### PISO 1

#### Rampa

Os quatro desenhos do artista **Pedro Gomes** que aqui se apresentam, assim como os que estão expostos na escadaria do museu, marcam uma abordagem diferente do entendimento e da expressão do conceito de desenho, numa lógica de desconstrução do mesmo. Utilizam uma nova técnica (a perfuração, o picotado) que incita à aproximação. Precisamos ver com a máxima atenção para perceber o que vemos.

**Pedro Gomes** é um artista que inicia a sua obra nos finais dos anos 90 e reflete as preocupações da contemporaneidade, aqui expressas na temática do corpo e das representações sociais a ele associadas. A sua obra mantém-nos no domínio do quotidiano: as imagens de referência são estereótipos de paisagens, arquiteturas, decorações de interior ou urbanismos; registos de gostos, gestos ou lugares-comuns civilizacionais.

**Pedro Gomes** explora, igualmente, a dimensão pop da tecnologia tipográfica ou da coincidência de tudo isso com a separação pixelizada das imagens digitais atuais. A imagem desfaz-se, então, numa malha concreta de riscos de esferográfica multicolores.

## Traços, pontos e linhas \_desenhos da coleção António Cachola

### Galeria 1

O conjunto de obras que se apresenta nesta galeria remete-nos para a temática geral da paisagem e do lugar. Paisagens interiores, exteriores e conceptuais. A desconstrução e a construção do próprio conceito de desenho marcam o conjunto de obras em exposição.

As três instalações de **Francisco Pinheiro**: Liber Itinerarium, duas delas apresentadas nesta galeria e uma outra no Piso 2, denunciam um conceito de desenho enquanto instrumento de pensamento de ideias em vez de representação do real e das suas características potenciadoras da experimentação.

Artistas da geração de 80 do século XX, do panorama da arte contemporânea nacional, como **Pedro Calapez e João Queiroz**, utilizam o papel e o carvão como instrumentos de expressão de conceitos e ideias. Para **Pedro Calapez**, o desenho é utilizado para registar construções e paisagens vistas, vividas e imaginadas, sem a presença de personagens. As diferentes espessuras, a sobreposição ou a duplicação de traços transmitem um jogo de incerteza mas simultaneamente de dinamismo e mutação. **João Queiroz** apresenta-nos uma série que se desenvolve em torno de um tema da natureza: o vento. Os vários desenhos evidenciam a liberdade da própria natureza, que o artista não consegue dominar num sistema fechado de representação.

Através do desenho minucioso, quase intimista, Alexandre Conefrey remete-nos para uma referência simbólica da paisagem. A paisagem como lugar de História e as batalhas como momentos de confluência entre a vida e a morte, tornando-se lugares sagrados na memória dos homens.

### Galeria 2

O conjunto de obras selecionadas para esta galeria remete-nos para a temática geral do corpo e da figuração, numa lógica de construção/desconstrução do conceito de desenho. **Diogo Pimentão** inicia esse percurso de desconstrução ao “traçar” uma linha a partir da sequência de uma série de fósforos.

Nos anos 80 do século XX, principalmente durante a primeira metade, a temática do corpo e da figuração foi salientada como memória individual ou histórica. Na segunda metade da década, a utilização temática e estilística provocou uma certa desconfiança conjuntural. Desta forma, os artistas da primeira geração mantiveram uma relação intensa com o conceito de corpo (**Rui Sanches**) e os mais jovens afastaram-se de intenções subjetivas, abordando o tema na vertente do social e do político (**Pedro Proença**).

**Rui Sanches** sugere-nos uma mancha, um corpo dobrado que é “atingido” por linhas muito precisas (em contraste com a mancha difusa do corpo), podendo evocar um martírio (São

## Traços, pontos e linhas \_desenhos da coleção António Cachola

Sebastião, santo mártir). Os desenhos de **Pedro Proença** evidenciam imagens sustentadas por palavras/ideias. De uma forma geral, a obra de **Proença** está submetida à prioridade do desenho, com uma rigorosa técnica gráfica e uma exuberante imaginação. Trabalha com uma figuração metamórfica, utilizando formas humanas, animais e vegetais que desenvolve segundo ritmos, perversões e deformações que as vão transformando umas nas outras. Os seus desenhos, extensos e desdobrando-se em muitas direções, evidenciam uma incursão no barroco através da arte contemporânea, provocando um excesso formal tão característico daquele estilo.

Com **Rui Chafes**, “o desenho completa o trabalho do escultor sem a ele se subordinar”. Neste conjunto de desenhos, aborda a temática do corpo e o seu interior: as vísceras, os cortes de flores e histologias animais/tecidos orgânicos. O que é belo e perfeito é visionado em corte e em destruição.

O trabalho de **João Jacinto** reflete a mudança de paradigma dos finais dos anos 80. Elimina quase a figuração, explorando até ao limite a cor, provocando quase uma abstração. Esta série de autorretratos (Sem título) ilustra esse facto, uma vez que os cinco painéis apresentados quase se “desfazem” numa invisibilidade informal.

**Luis Silveirinha** remete-nos para o universo da figuração com traços fortes, quase infantis, trabalhando a luz e a técnica do guache para provocar uma sensação de desconforto, como se tratasse de um pesadelo infantil.

## PISO 2

### Galeria 3

Na presente galeria encontram-se expostos desenhos que têm em comum a presença de formas geométricas e o uso da cor. Os três desenhos de Xana são o mote para a incursão nos domínios do tratamento da cor, das figuras geométricas e de outros elementos de repetição estrutural.

**José Pedro Croft** trabalha nos seus desenhos exatamente as mesmas questões espaciais que na escultura. Dentro do campo do desenho está a noção de centro, a noção de periferia, a noção de antes e depois, as marcas de um corpo e as tensões espaciais. A sua necessidade de contar histórias explica a abordagem dos planos do cinema: fragmentados e sobrepostos.

**José Loureiro**, na década de 90, passou do campo da figuração para o campo da abstração. Nos desenhos expostos percebe-se a utilização de uma grelha como dispositivo de composição na construção de padrões de retângulos, existindo uma sobreposição de contornos de moldes. Formas modulares e sobreposição também se encontram presentes nos desenhos do artista Rui Patacho, sugerindo um tipo de trabalho obstinado e compulsivo.

## Traços, pontos e linhas \_desenhos da coleção António Cachola

Os escritos dos desenhos de **Rosa Almeida** são diarísticos, mas não são acerca da sua vida, têm mais a ver com o espaço exterior, como se o papel do próprio desenho fosse sensível aos sons. Escreve monólogos, diálogos, sons, músicas, de momentos imaginados das pessoas em geral, o contexto artístico mais próximo da sua escrita é o das letras das músicas, compostas por frases curtas e sucintas que podem ser ouvidas repetidamente de trás para a frente.

O desenho de **Inês Teixeira** faz a ponte de ligação com os desenhos que se encontram expostos na **Galeria 4**, cuja temática é a paisagem. A artista trabalha as questões de interpretação da paisagem, paisagens que parecem resistir a toda e qualquer intrusão, sem referências geográficas ou temporais, ampliando a possibilidade de significados. Olhar o emaranhado de traços que nos ofusca com a intensidade da cor utilizada suscita uma angústia de incerteza, um caminho indefinido, inalcançável, abismal. A artista associa a estrutura do pensamento humano à estrutura da natureza e reflete sobre o mundo interior de nós mesmos: o lado obscuro e a solidão. Uma paisagem guiada pelo desejo de contemplação, o "lugar" das distâncias incalculáveis e de proveniências desconhecidas.

### Galeria 4

Na presente Galeria os desenhos expostos abordam a temática da paisagem, paisagem interior e exterior, predominando o preto e branco.

Nos dois desenhos de **Pedro Gomes**, usando a esferográfica e um registo de enovelados, o artista recria interiores de uma casa a partir de ampliações fotográficas. É visível o interesse do mesmo pelas ideias de escala e distanciamento. De facto, para se apreender a paisagem é necessário que o observador se distancie, pois ao se aproximar a imagem desfaz-se como se ficasse pixelizada.

O trabalho da artista **Inês Botelho**, materializado principalmente em desenho e escultura, incorpora e subverte conceitos elementares e universais de espaço, concretamente da Física e da Geometria: gravidade, perspectiva, orientação, tempo. O princípio físico da gravidade é entendido como uma força de atração entre todas as partículas com massa no universo; no caso do planeta Terra, é a força intrínseca que nos impele ao chão. Nos desenhos “Casa e gravidade máxima” e “Tapete voador e gravidade máxima”, é visível o jogo constante com a força acima referenciada, desconstruindo a noção de espaço.

Apresenta-se um conjunto de doze grandes desenhos do artista **Pedro Calapez**, “Submerso”, nos quais é visível a sua apetência pelo tema da paisagem, o traço oriundo da arquitetura e o jogo do preto e branco evidenciando as sombras.

## Traços, pontos e linhas\_desenhos da coleção António Cachola

Pela primeira vez é apresentada uma série de desenhos de **Marcelo Costa**, que resultaram de diferentes interpretações do artista em relação à paisagem. Alguns foram realizados à vista, resultantes de diversas saídas do atelier, outros foram feitos no interior do atelier e outros ainda inspirados na intensa pesquisa e investigação em livros sobre desenho e pintura de paisagem no Oriente, assim como de poesia. Para além das diferentes abordagens ao tema da paisagem, o artista trabalha também em diferentes escalas e apresenta um conjunto de desenhos de grandes dimensões que realizou procurando “a sensação imersiva do próprio ato de desenhar”.

### Galeria 5

A última sala do Museu está assombrada!

Este desenho faz parte da série Câmara de Gelo. A artista, para criar a referida série, inspirou-se numa história de Mandrake, o mágico, onde uma cientista nórdica inventa um dispositivo que permite congelar seres vivos por um determinado tempo. Zera, essa cientista loira, fria e ambiciosa, conserva as suas vítimas congeladas num espaço chamado a Câmara de Gelo. **Adriana Molder** decidiu então construir a sua própria Câmara de Gelo, fazendo com desenhos de grande escala um corredor suspenso sobre o chão de vidro com oito personagens, quatro de cada lado\*. Estas personagens eram também uma espécie de almas penadas que viviam no espaço do museu, vestígios do antigo casino para o qual o edifício havia sido criado. Quase todas as personagens dos referidos desenhos foram baseadas em imagens existentes, mas a personagem que pertence à coleção António Cachola foi inspirada na memória de uma história sobre um rapaz adolescente e mal comportado que é obrigado pelo seu severo pai a frequentar um colégio militar.

Comissariado:  
Isabel Pinto & Patrícia Machado

Traços, pontos e linhas\_desenhos da coleção António Cachola

14 Outubro de 2012 a 24 Fevereiro 2013